

Os sentidos nos ditos e nos não ditos pelas revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse da presidente Dilma Rousseff

The senses in the said and in the unsaid by magazines *Veja*, *Época*, *IstoÉ* and *CartaCapital* about the inauguration of president Dilma Rousseff

Los sentidos en el dicho y en el no dicho en la revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* y *CartaCapital* sobre la possession de la presidenta Dilma Rousseff

Daiane Bertasso¹
Sabrina Franzoni²
Silvia Lisboa^{3, 4}

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender quais são os sentidos produzidos nos ditos e nos não ditos pelas revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse da presidente Dilma Rousseff. Com base na perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso, identificamos três formações discursivas predominantes nos ditos das quatro revistas: Posse controversa, Posse melancólica e Posse da dieta. Já nos sentidos produzidos pelos não ditos, observamos por parte de *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* a reiteração da maioria dos sentidos presentes nos ditos de *Veja*, que saiu na frente na cobertura sobre a posse. Isso mostra, entre outras coisas, que a

*Artigo apresentado no eixo temático A – Quais silêncios? Quais são os silêncios do jornalismo? [...] do III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo – MEJOR 2015, realizado de 12 a 15 de maio de 2015, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis – Brasil.

¹ Professora Ajunta no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Mestre em Comunicação Midiática (UFSCM). Graduada em Comunicação Social (UNIJUI). E-mail: daianebertasso@gmail.com.

² Professora no curso de Jornalismo da UNISINOS. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Mestre em Sociologia Política pela UFSC. Jornalista pela UFSC. E-mail: sabrinafranzoni@yahoo.com.br.

³ Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista pela UFRGS. E-mail: lisboasilvia@gmail.com.

⁴ Endereço de contato com autoras (por correio): Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Jornalismo. R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, Brasil. CEP: 88040-900.

prática discursiva do jornalismo prevalece em relação ao posicionamento editorial das revistas.

Palavras-chave: discurso jornalístico; contrato de comunicação; silenciamento; revistas; Dilma Rousseff.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand what are the senses produced in the said and in the unsaid by magazines *Veja*, *Época*, *IstoÉ* and *CartaCapital* about the inauguration of president Dilma Rousseff. Based on the theoretical and methodological perspective of discourse analysis, we identified three predominant discursive formations in the said of the four magazines: Controversial Possession, Melancholy Possession and Diet Possession. Already in the senses produced by unsaid, we observed by *Época*, *IstoÉ* and *CartaCapital* the reiteration of the majority of the senses present in the sayings of *Veja*, that which went ahead in the coverage of possession. That shows, among other things, that the practice of journalism discourse prevails about the editorial positioning the magazines.

Keywords: journalistic discourse; communication contract; silencing; magazines; Dilma Rousseff.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es entender cuáles son los significados producidos en dicho y lo no dicho por *Veja*, *Época*, *IstoÉ* y *CartaCapital* en la posesión de la presidenta Dilma Rousseff. Con base en la perspectiva teórica y metodológica del análisis del discurso, se identificaron tres formaciones discursivas predominantes en los dichos de los cuatro revistas: Posesión Controvertido, Melancólicos Posesión y la Dieta Posse. Ya en los significados producidos por tácita, observados por *Época*, *IstoÉ* *CartaCapital* y la reiteración de la mayoría de los presentes se sintieron en los dichos de *Veja*, que pasó por delante de la cobertura de la posesión. Esto demuestra, entre otras cosas, que la práctica del discurso periodístico prevalece sobre el editorial posicionamiento de las revistas.

Palabras clave: discurso periodístico; contrato de comunicaciones; silenciamento; revistas; Dilma Rousseff.

Recebido em: 15/08/2015. Aceito em: 29/08/2015. Publicado em: 30.09.2015.

Introdução

Buscamos compreender quais os sentidos produzidos nos ditos e nos não ditos pelas quatro revistas semanais brasileiras, *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital*, sobre a posse da presidente Dilma Rousseff em janeiro de 2015. Para tanto, nossa reflexão parte da perspectiva de que o jornalismo é a uma prática discursiva que produz sentidos sobre a realidade social, tanto em relação ao que é dito quanto em relação ao que é silenciado. Por essa razão, tomamos o silêncio como objeto teórico-metodológico da análise do discurso de nosso *corpus* que se refere à primeira edição impressa de 2015⁵ de cada uma das revistas semanais.

Em se tratando de silenciamento, este *corpus* apresenta uma particularidade, já que embora a posse do segundo mandato consecutivo da presidente da república Dilma Rousseff seja um acontecimento previamente programado, um “pseudo-acontecimento”, ou “acontecimento de rotina” (MOLOTCH; LESTER, 1993), observa-se que a produção de sentidos realizada pelas revistas *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre este evento singular para um país democrático como o Brasil foi caracterizada pelo silêncio dessas revistas na primeira semana de janeiro de 2015 após a posse da presidente⁷. Já na semana subsequente, em que *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* publicaram suas primeiras edições de 2015, houve um certo apagamento dos sentidos produzidos sobre a posse da presidente Dilma Rousseff.

Além da opção editorial das três revistas há que se observar dois aspectos que podem ter tido alguma relação na escolha. Primeiro, as três publicações circularam pela primeira vez no ano na semana entre 12 e 18 de janeiro, quando a posse de Dilma já era um acontecimento passado há quase duas semanas. Segundo, no

⁵ Os nomes estão na ordem decrescente das revistas semanais de informação brasileiras com maior média de circulação (de janeiro a setembro de 2014), conforme o Instituto Verificador de Circulação (ANER, 2015): *Veja* (Abril) com média de 1.167.928 exemplares semanais; *Época* (Globo), de 390.709 exemplares semanais; *IstoÉ* (Três), de 322.518 exemplares semanais; e *CartaCapital* (Confiança), de 29.513 exemplares semanais.

⁶ Depois da posse de Dilma Rousseff, em 1º de janeiro de 2015, somente a *Veja* publicou uma edição na semana entre 5 e 11 de janeiro de 2015. Por isso, as edições de *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* se referem à semana entre 12 e 18 de janeiro de 2015.

⁷ Como já observado na nota de rodapé número 6.

sábado, 7 de janeiro de 2015, o jornal *Charlie Hebdo*, de Paris, França, sofreu um atentado terrorista que resultou na morte de cinco cartunistas do jornal. O atentado ganhou ampla cobertura de mídias jornalísticas de todo o mundo, incluindo as quatro revistas semanais de informação brasileiras, deixando a posse ainda mais distante e em segundo plano. Nesse contexto, a particularidade desse objeto de pesquisa está no fato que a *Veja* foi a única das quatro revistas semanais a publicar sua versão impressa na semana logo após a posse de Dilma Rousseff e, por isso, a que produziu mais sentidos sobre o evento.

O cenário de análise será construído no entendimento do jornalismo como uma prática discursiva e do silêncio como o objeto teórico-metodológico da análise do discurso das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse da presidente Dilma Rousseff.

Jornalismo como prática discursiva

O que é dito no jornalismo, assim como o que não é, diz respeito a uma prática discursiva que produz sentidos sobre a realidade. Para compreender os silêncios do jornalismo é preciso, primeiramente, entender os modos de produção de sentidos dessa prática discursiva. Para tanto, partimos das teorias construcionistas e interacionistas do jornalismo que permitem compreendê-lo pelas suas características de serviço público e como prática normativa e discursiva. O jornalismo como uma prática que produz informações de uso e interesse público contribui para a construção social da realidade e se constitui uma forma de conhecimento sobre o tempo presente e a vida cotidiana (MEDITSCH, 1997; FRANCISCATO, 2005).

Por conseguinte, como prática normativa, o jornalismo pode ser compreendido como uma instituição social, com normas embasadas em noções de objetividade e de credibilidade (TRAQUINA, 2002; FRANCISCATO, 2005; CHARAUDEAU, 2007). Essas noções que legitimam o discurso jornalístico têm caráter operatório, como explica Tuchman (1993), ao discorrer sobre os procedimentos

incorporados pelo jornalista como um “ritual estratégico”, que permitem ao profissional da comunicação se dizer objetivo.

Na perspectiva da prática discursiva, levando em consideração que o discurso é sempre o ponto de vista de um sujeito, seja ele individual ou social, o que é possível produzir são efeitos de sentido de objetividade e/ou efeitos de sentido de credibilidade. Cabe reafirmar que a linguagem nunca será neutra ou objetiva, pois apesar das estratégias de apagamento do posicionamento no texto jornalístico, o enunciador sempre deixa as marcas do lugar de onde está falando, de suas escolhas, das restrições editoriais, dos sentidos que se pretende produzir.

Para Mariani (1998, p. 63) “a objetividade dos fatos, sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de um imaginário já construído”. Sendo assim, ao relatar os acontecimentos, os jornalistas já estão exercendo uma determinação nos sentidos. Conforme a autora, o texto jornalístico se insere na modalidade de *discursos sobre*, isto é, podemos dizer que estamos tratando, no caso das revistas semanais, de um *discurso sobre* política e, mais especificamente, sobre a política brasileira a partir da posse da presidente Dilma Rousseff. Para Mariani (1998), os *discursos sobre*, como é o caso do jornalístico, são aqueles que atuam na institucionalização dos sentidos e, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória.

Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de (‘discurso de origem’), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De um modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o *falar sobre* transita na correlação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com o campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor. (MARIANI, 1998, p. 60).

É do lugar de autoridade, da posição de enunciação, que pode haver o acionamento de estratégias de rememoração de saberes já conhecidos e/ou o silenciamento de tantos outros que se quer apagar. Pêcheux (2008), anteriormente a Mariani (1998), ao analisar a relação entre estrutura e acontecimento, afirmava que era do lugar que assumimos que somos capazes de proferir um determinado

discurso e não outro, tornando possível a produção de efeitos de sentido. Para o autor, é pela repetibilidade que os enunciados ganham a aparência de estarem ligados a um acontecimento. Essa sensação é criada pela repetição de um mesmo dizer. Dessa maneira, o que se faz ao repetir um acontecimento é reinventá-lo a partir da posição que assumimos.

É importante destacar que, para a análise do discurso, a memória é construída na tensão entre esquecimento e rememoração. Assim, não existe discurso sem memória, pois através dela se fazem possíveis os sentidos. Ao silenciar a memória, cria-se a impressão de que novos sentidos estão sendo produzidos, apesar de ser impossível o total apagamento dos rastros da memória.

Ainda, como prática normativa, o jornalismo se constitui como um discurso com regras próprias que possui o seu reconhecimento inscrito em um contrato de informação midiático e se constrói em condições específicas das relações de troca: "toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação" (CHARAUDEAU, 2007, p. 68).

No contrato de comunicação, os interlocutores envolvidos necessitam reconhecer seus lugares de fala e de interpretação baseados no entendimento de que ambos sabem o que é a prática jornalística e o que se pode esperar da enunciação de determinado segmento ou veículo. O entendimento se estabelece no reconhecimento de determinadas condições de produção linguageiras, denominadas por Charaudeau (2007) de condições de propósito, de finalidade, de identidade, de dispositivo, de tematização.

Na compreensão consensual das condições de produção se pode afirmar que o discurso jornalístico é constituído na relação com o 'outro', firmado nos princípios do dialogismo, de estabelecer um diálogo (BAKHTIN, 1981) com o 'outro', e em sua prática interdiscursiva (memória discursiva) que se manifesta na inter-relação entre os discursos (MAINGUENEAU, 2008). Assim, o contrato de comunicação reconhecido por jornalistas, fontes e leitores fornece a legitimidade ao jornalismo para definir o que é notícia e o que não é, sendo que, no primeiro caso, a informação será

publicada e, no segundo, descartada. Mais do que isso, mesmo no que é noticiado, pela forma como é tratada a informação ou o fato, o jornalismo produz determinados sentidos, silenciando outros, ainda que os efeitos de sentidos só sejam completados pelo leitor.

Sob essa maneira de perceber o silenciamento, é necessário também compreender o silêncio como o não dito que também está constituído naquilo que é dito, pois quando se opta por dizer uma palavra se exclui outras tantas que poderiam ser ditas. Como diz Orlandi (2007, p. 12), “há um sentido no silêncio”. Isso porque “todo o discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa” (ORLANDI, 2007, p. 24). É a partir dessa perspectiva, do silêncio como objeto teórico-metodológico, que vamos organizar os passos para a análise dos ditos e não ditos das quatro revistas semanais brasileiras sobre a posse de Dilma Rousseff.

O silêncio como objeto teórico-metodológico da análise do discurso

Pela perspectiva da análise do discurso, em que compreendemos o silêncio como princípio da significação, ou seja, “o silêncio como fundador” (ORLANDI, 2007, p. 14), podendo ser estudado pela historicidade do texto e pelos processos de construção dos efeitos de sentidos. A partir do entendimento de que o silêncio é “fundante”, observamos que o dito e o não dito andam juntos, ou seja, ambos são constitutivos um do outro na produção e efeitos de sentidos. Por isso, nossa análise parte da identificação dos sentidos nas paráfrases (ORLANDI, 2007; BENETTI, 2010) – na repetição dos sentidos daquilo que é dito e que também produz efeitos de sentidos no não dito, no que é silenciado.

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição entre o “um” e o “múltiplo”, o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia. Esse movimento, por sua vez, mostra o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto do sentido, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeito da relação com a *lalangue*) [...]. (ORLANDI, 2007, p.17).

A repetição dos sentidos (paráfrase), ainda que não seja percebida pelo enunciador do discurso, em virtude do efeito do interdiscurso e da relação histórica do sujeito com a linguagem, além de produzir sentidos que determinam a formação discursiva e a relação com as demais formações (interdiscurso), também produz a polissemia, o sentido que poderia ser outro, mas que foi silenciado. Daí que os sentidos são enunciados por meio de discursos que estão “em regiões historicamente determinadas de relações de força: as formações discursivas” (ORLANDI, 2007, p.20). Pela formação discursiva os sujeitos possuem as condições para produzir o enunciado, uma “modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível” (FOUCAULT, 1972, p. 134-135). Para Foucault (1972, p. 135) o discurso pode ser compreendido como “conjunto dos enunciados que provém de um mesmo sistema de formação [...]”. Por meio do lugar que o sujeito ocupa em determinada formação discursiva é que ele produz sentidos em seus enunciados, o que vai ao encontro da definição de Pêcheux (1990) de que o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores (ORLANDI, 2007, p. 20-21).

As formações discursivas se delimitam reciprocamente, já que uma é o limite da outra a partir dos efeitos de sentidos produzidos pelos discursos que as enunciaram. Neste jogo das diversas formações discursivas presentes no interdiscurso dos discursos que são enunciados por distintos sujeitos, “o silêncio é a garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio [...]” (ORLANDI, 2007, p. 23). Dessa compreensão do silêncio como a possibilidade de trabalhar com a contradição constitutiva de todo o discurso é que Orlandi (2007)

distingue duas formas principais do silêncio: a) o silêncio fundador e b) a política do silêncio:

a) o silêncio fundador; aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras; e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (ORLANDI, 2007, p. 24).

Silêncio e linguagem estão sempre em movimento de e nos sentidos, sendo que “o silêncio não fala, ele significa” (ORLANDI, 2007, p. 42), o silêncio é fundante da produção de sentidos e as duas formas do silêncio - silêncio fundador e política do silêncio - tipificadas por Orlandi são constitutivas de todo sentido e de todo discurso. “A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo” (ORLANDI, 2007, p. 73).

Metodologicamente, “quando se trata do silêncio, nós não temos *marcas* formais, mas *pistas, traços*” (ORLANDI, 2007, p. 46, grifos da autora). Por essa razão, nossa análise do silêncio no discurso das quatro revistas semanais sobre a posse da presidente Dilma Rousseff parte, como já dissemos anteriormente, da paráfrase, isto é, da repetição dos sentidos. Assim, colocamos em relação os textos das quatro revistas (intertextualidade) para observar a repetição dos sentidos (paráfrase) que nos permite observar as formações discursivas que constituem esses discurso e o interdiscurso (a memória discursiva construída pela relação entre as diversas formações discursivas). A partir desse gesto de interpretação é que observamos o que foi dito e o não dito, o que foi silenciado pelas revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse da presidente Dilma Rousseff.

Os ditos e os não ditos por *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse da presidente Dilma Rousseff

Antes de entrarmos na análise propriamente dita, é importante destacar que nosso *corpus* compreende a primeira edição impressa de 2015 de cada uma das revistas semanais: *Veja* (ed. 2407, de 7 de janeiro de 2015); *Época* (ed. 866, de 12 de janeiro de 2015); *IstoÉ* (ed. 2354, de 14 de janeiro de 2015); e *CartaCapital* (ed. 832, de 14 de janeiro de 2015). Porém, apenas *Veja* circulou na semana após a posse, ocorrida numa quinta-feira, dia 1º de janeiro de 2015. Não à toa, *Veja* foi a revista que mais dedicou páginas, um total de 20, à posse da presidente e seus desdobramentos. As outras três revistas, por razões em grande parte comerciais, suspenderam a circulação na primeira semana do ano, que costuma apresentar uma queda nas vendas. Apesar de ser uma decisão de cunho mais econômico do que jornalístico e que ocorre há alguns anos, ela tem um impacto nos ditos não produzidos deste acontecimento, ou seja, no seu silenciamento.

Um estudo sobre os não ditos do jornalismo encontrará alguns motivos nos valores-notícia e em decisões de ordem editorial e empresarial. As três publicações trataram da posse de Dilma nas suas últimas edições do ano, mas no sentido de tecer previsões e nenhuma delas se deteve na cobertura do fato, por isso seus textos não integram esse *corpus* de pesquisa. Na primeira edição do ano de *CartaCapital*, *Época* e *IstoÉ*, a posse da presidente é assunto dado.

Cabe agora identificarmos os *ditos* a partir da identificação das formações discursivas (FDs) nos textos que guardam relação com a posse de Dilma Rousseff, eleita para seu segundo mandato numa disputa acirrada com o senador Aécio Neves. Conforme Benetti (2010), a identificação de uma FD se organiza, do ponto de vista metodológico, na reiteração do mesmo sentido (paráfrase) em diversos enunciados. Essa repetição que ocorre por meio dos enunciados é chamada de sequência discursiva (SD) (Benetti 2010). Uma FD representa um núcleo de sentidos, circunscrito num limite interpretativo que nos permite compreender de que maneira o jornalismo

constrói consensos e ajuda na formação do imaginário acerca de assuntos de interesse público ou de interesse do público.

O mapeamento das FDs foi realizado em 11 textos das quatro revistas. Nosso interesse foi identificar os sentidos hegemônicos em textos que trataram da posse propriamente dita, do ato de assumir o mais alto posto do país e das temáticas que estavam inscritas na ocorrência da posse. Ou seja, não entram na análise textos que versam sobre os desdobramentos do segundo mandato. Assim, como o foco na cobertura sobre a posse, constatamos três FDs em 32 SDs: a) FD1 - Posse controversa (24 SDs), FD2 - Posse melancólica (4SDs), FD 3 - Posse da dieta (4 SDs).

O primeiro sentido mais reiterado é o que encara a posse de Dilma Rousseff com sentidos de controversa, de intensa desconfiança sobre sua competência na escolha da equipe e em cumprir promessas de campanha. Em várias passagens nas revistas que circularam quase duas semanas após a posse, como *IstoÉ*, a menção ao evento é feita como forma de comparar o início do mandato com o pronunciamento de Dilma no dia 1º de janeiro e apontar contradições entre o discurso e a prática.

O surpreendente foi a presença do Ministério da Educação no topo das pastas atingidas pelo bloqueio de recursos. *Representa a antítese do que Dilma Rousseff prometeu em sua posse.* Na ocasião, a presidente reeleita disse que o lema do seu novo governo seria "Brasil, pátria educadora". Nas palavras da própria presidente, isso incluiria o aumento nos investimentos na área e a valorização dos profissionais da educação. *Entretanto, dias depois do discurso [...] (FD1, SD20 IstoÉ, p. 34).*

Já em *CartaCapital*, que também circulou quase duas semanas após a posse da presidente, o foco está no questionamento sobre as escolhas da presidente Dilma em relação aos cargos ministeriais.

A presidenta engana-se. [...] O que está em jogo é uma questão visceral, pela qual Dilma, faça o que bem entender, representa a malta, assim como seu titubeante partido e quem o fundou, o inextinguível Lula. [...] Única certeza: Dilma precisa de melhores conselheiros. (FD1, SD31, CartaCapital, p. 12).

A FD 2 tem mais presença na revista *Veja*, a única revista a detalhar a posse e o discurso de Dilma Rousseff ao vestir pela segunda vez a faixa presidencial. O tom

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n1p216>

da cobertura é de melancolia, marasmo, sem empolgação, conforme destacado nas sequências discursivas abaixo. A qualificação de melancolia se dá pela comparação da posse de 2015 com a do primeiro mandato de Dilma e com as duas outras de Lula, ambos do PT, que motivaram um entusiasmo notório.

Mas os ânimos eram diferentes, muito diferentes, dos de 2001. Em frente ao parlatório, na Praça dos Três Poderes, pouco mais de 10.000 pessoas ouviram Dilma, em cena de melancólica audiência, no avesso da extraordinária empolgação da primeira posse de Lula - e mesmo da segunda e da inaugural de Dilma. (FD2, SD 5, Veja, p. 38).

Não empolgou - A posse de Dilma reuniu apenas 10000 pessoas na Praça dos Três Poderes. (FD2, SD2, Veja, p.40).

A sombra do criador - Lula passou discretamente pela festa de Dilma Rousseff: em privado, o ex tem se queixado da presidente. Ela tirou os lulistas dos postos mais importantes do Planalto (FD2, SD3, Veja, p. 41).

As explicações para um recebimento da faixa verde-amarela tão morno se deve aos erros de Dilma no primeiro mandato, que interrompeu "um ciclo de estabilidade econômica". Ou seja, as culpas dos fracassos são atribuídas exclusivamente a decisões da presidente, que no discurso de posse "reconhece" a necessidade de mudança.

O PIB ficou estagnado em 2014, e as vendas do comércio no final do ano foram as piores em uma década. O segundo quadriênio de Dilma começa sem o ambiente de euforia de outrora. (FD2, SD7, Veja, p.41).

A terceira FD observada nos textos analisados é a que recai sobre os seis quilos perdidos pela presidente antes de subir a rampa do Palácio do Planalto. Só a revista *IstoÉ* dedica seis páginas ao emagrecimento dos líderes do governo às vésperas da posse e traz um perfil sobre o médico por trás do enxugamento das silhuetas no Planalto. Nessa FD, o fato mais digno de nota da cerimônia de posse foi o aparecimento de uma Dilma mais magra, "ostentando" o novo manequim em um vestido claro. Dilma "se deixou seduzir" pelo método de emagrecimento que já havia retirado quilos extras de famosos como Maradona. A *IstoÉ* aproveitou para relacionar

o tema emagrecimento com as primeiras ações do governo Dilma de corte nos gastos públicos e da necessidade de o governo poupar.

O poder está de dieta e isso não é uma metáfora para o cenário do arrocho financeiro do País. A austeridade está no cardápio e os resultados já podem ser verificados em muitas silhuetas, inclusive na da presidente Dilma Rousseff. De vestido claro, Dilma desfilou na cerimônia de posse, dia 1º de janeiro, ostentando seis quilos a menos. (FD3, SD22, IstoÉ, p.42).

Em *CartaCapital*, apesar de ter seguido o agendamento do tema pelas demais revistas, apresenta um posicionamento mais positivo sobre a questão:

Até o Planalto Central, a presidente Dilma à frente, se deixou seduzir. Uma esperança assombra Brasília: a esperança de um governo literalmente mais enxuto, mais esbelto. Dilma, apesar do que destilou a língua invejosa das platonistas da Globo, tem conseguido: entrou no segundo mandato com seis quilinhos a menos. (FD3, SD32, CartaCapital, p. 64).

Após a análise dos ditos das quatro revistas semanais de informação sobre a posse da presidente Dilma Rousseff em seu segundo mandato é possível constatar que os sentidos reiterados nas formações discursivas "Posse controversa", "Posse Melancólica" e "Posse da dieta" deixam pistas, traços, como se refere Orlandi (2007), dos não ditos, do que foi silenciado.

Um primeiro movimento de silenciamento resultou da não publicação das edições das revistas *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* na semana posterior à posse de Dilma Rousseff. Independentemente do motivo de não publicação das edições, houve uma redução da importância do fato em si. Apesar de sua relevância histórica, foi tratado como assunto corriqueiro e, por essa razão, aos olhos da imprensa, de menor produção de sentidos. É claro que os acontecimentos com data marcada podem ser encarados como pseudo-acontecimentos dado o seu agendamento prévio. Mas não é por causa dessa razão que eles deixam de ter relevância para o jornalismo e para o público. É como se as três revistas tivessem ignorado um evento de máxima importância que ocorre a cada quatro anos e determina o futuro do país.

Esse silêncio das três revistas sobre a posse em si da presidente Dilma também revela como os valores-notícia influenciam a produção de sentidos sobre a realidade

engendradora pelo jornalismo. No momento em que três revistas não fazem a cobertura da posse de Dilma, o acontecimento perde sua temporalidade marcante e, por essa razão, o seu espaço como acontecimento jornalístico e sua notoriedade. Passada a posse em si, as três revistas que não fizeram a cobertura do evento, lançam mão daquilo que irrompe do cotidiano, que foge à regra e acrescentam à abordagem do evento a sua faceta mais inusitada, no caso, a silhueta emagrecida da presidente Dilma Rousseff que compõe os sentidos observados na FD3.

Além disso, é importante notarmos como ditos e não ditos se entrelaçam. A *Veja*, a única a realizar a cobertura da posse em si, reiterou a FD 2 - Posse Melancólica, que reforça o sentido de que, apesar da importância histórica, o evento foi pouco significativo, morno, quase patético. O que as outras revistas não disseram ou disseram após *Veja* já contém os efeitos de sentidos do dizer de *Veja* e, de certo modo, reiteram alguns sentidos já ditos por ela. Com isso, os não ditos silenciados com a não publicação das edições de *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* contribuíram para que os sentidos produzidos pelos ditos de *Veja* agendassem⁸ a cobertura das demais revistas e ganhassem mais notoriedade pela questão da exclusividade.

Outro movimento de silenciamento presente nos não ditos das quatro revistas semanais estão em relação ao modo de dizer das revistas que deixam pistas da linha editorial de cada uma delas e que contém o seus posicionamentos políticos, nem sempre assumidos em seus ditos⁹. Os não ditos de *Veja*, *Época* e *IstoÉ* produzem sentidos de que essas três revistas possuem um posicionamento político contrário ao de Dilma Rousseff, embora não estejam explicitamente declarados nos ditos, eles deixam pistas que podem ser observadas nas seguintes sequências discursivas:

⁸ O conceito de agendamento não é o foco deste trabalho, entretanto, observamos que os seus pressupostos de que aquilo que é noticiado influencia (agencia) sobre o que pensarmos e, em última instância, como pensarmos, pode também ser observado nas relações e nas práticas dos meios jornalísticos. Sobre agendamento, podemos citar as ideias de Walter Lippmann (1922), Bernard Cohen (1963) e o conceito de *Agenda-setting* desenvolvido por Maxwell MacCombs e Donald Shaw (1972).

⁹ Com exceção da *CartaCapital* que desde as eleições que elegeram Lula, em 2002, tem se posicionado à favor dos candidatos do Partido dos Trabalhadores.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n1p216>

Ao falar para o Congresso na primeira posse, ela citou uma única vez a palavra Petrobras, e em um contexto esperançoso, o do pré-sal. Na semana passada, Petrobras apareceu nove vezes, *sempre na defensiva, com acusações* a “predadores internos e inimigos externos”, como se eles existissem, *no velho truque de dizer que o inferno são os outros*. (FD1, SD6, *Veja*, p. 38).

Dilma promete ajustar as contas públicas *de forma indolor*, uma *tarefa impossível*. (FD1, SD 6, *Época*, p. 44).

Já os não ditos de *CartaCapital* estão presentes em pistas dos seus ditos que produzem sentidos de que a revista possui um posicionamento político condizente ao de Dilma Rousseff. Claro que isso não é uma novidade, como já referido na nota de rodapé nove, o que estamos afirmando aqui é que, mesmo que este posicionamento não seja reiterado em todos os ditos da revista, ele está presente nos modos de dizer, como na seguinte SD: “*A presidenta está enganada se, ao agir como fariam os derrotados, garante tranquilidade ao seu segundo governo*” (FD 1, SD 29, *CartaCapital*, p. 12). O tom de conselho e a opção por chamar Dilma Rousseff de president(a), expressão que causou polêmica e controversa até entre linguistas, mas que acabou sendo adotada pelos simpatizantes de Dilma Rousseff, por enfatizar o gênero feminino.

É importante ressaltar a dificuldade em operacionalizar um conceito complexo como o de silenciamento em um discurso opaco e sujeitos a regras próprias como o discurso jornalístico. Nossa tentativa neste artigo foi fazer uma reflexão sobre o não dito no dito e vice-versa em um acontecimento de relevância jornalística e social.

Considerações finais

A análise dos sentidos produzidos nos ditos e nos não ditos pelas revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital* sobre a posse de Dilma Rousseff revelam que este gesto de interpretação permite refletir sobre como a prática discursiva do jornalismo dessas revistas, ainda que contenham posicionamentos editoriais distintos, produzem sentidos semelhantes e complementares.

O que não é dito, mas que num primeiro momento nos parece como uma leitura prévia e dada é o posicionamento contrário das revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* ao governo de Dilma Rousseff e o posicionamento favorável por parte de *CartaCapital*. Entretanto, nos sentidos produzidos pelos não ditos, observamos a reiteração dos sentidos presentes na maioria dos ditos de *Veja*, que saiu na frente na cobertura sobre a posse, mostrando que a prática discursiva do jornalismo dessas revistas prevalece em relação aos seus posicionamentos editoriais. Isso porque, tanto da parte de *Veja*, *Época* e *IstoÉ* que não dizem seus posicionamentos, quanto da parte de *CartaCapital* que se posiciona em muitos ditos, embora não em todos, há a busca dos efeitos de sentido de objetividade e de credibilidade que legitimam a prática jornalística. Por essa razão as quatro revistas semanais, seja pelos ditos ou pelos não ditos, reiteram os sentidos de que a posse do segundo mandato de Dilma Rousseff foi pautada pela controversa, foi melancólica e marcada pela dieta de emagrecimento (no físico dos governantes e nos ajustes na economia do país).

Referências

- ANER, Associação Nacional de Editores de Revista. **Instituto Verificador de Circulação – IVC**. Disponível: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>> Acesso: 04/03/2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. São Cristóvão: Editora UFS e Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC, 1997.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Rio de Janeiro, Revan, Campinas: Ed. UNICAMPI, 1997.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 5 ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

Acesse esse e outros artigos da **Revista Observatório** em:

